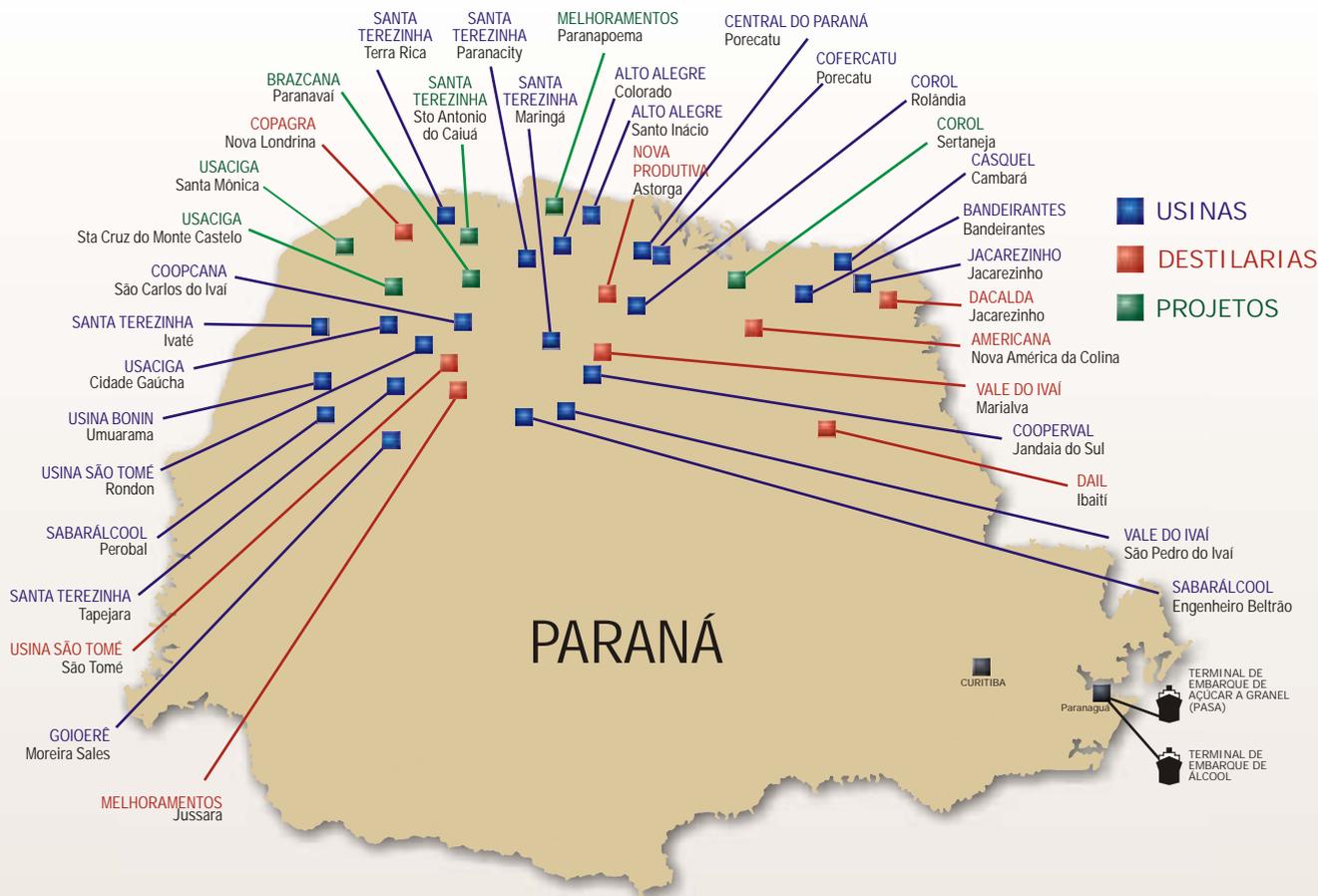




INDÚSTRIA DE BIOENERGIA DO PARANÁ



R E L A T Ó R I O 2 0 0 8



USINAS E DESTILARIAS ASSOCIADAS

Usina Bonin Açúcar, Alcool e Energia Elétrica Ltda
Município: Umuarama

Coop. Agroindustrial Nova Produtiva
Município: Astorga

Coop. Agroindustrial Vale do Ivaí
Município: Jandaia do Sul

Dacalda Açúcar e Alcool Ltda
Município: Jacarezinho

Vale do Ivaí S.A. Açúcar e Alcool
Município: São Pedro do Ivaí e Marialva

Usina de Açúcar e Alcool Goleoerê Ltda
Município: Moreira Salles

Grupo Santa Terezinha
Município: Maringá, Paranacity, Rondon, Tapejara, Ivaté, São Tomé e Terra Rica

Sabarálcool S.A. Açúcar e Alcool
Municípios: Engenheiro Beltrao e Perobal

Coop. Agroindustrial do Noroeste PR
Município: Nova Londrina

Dail S/A - Destilaria de Alcool Ibaiti
Município: Ibaiti

Açúcar e Alcool Bandeirantes S.A.
Município: Bandeirantes

Usaciga Açúcar, Alcool e Energia Elétrica S/A
Município: Cidade Gaúcha e Sta. Mônica

Cofercatu Coop. Agroindustrial
Município: Porecatu

Corol Agroenergia
Usina de Açúcar e Alcool Ltda
Município: Rolândia

Empresas do Setor:

CPA
Pasa
Alcool do Paraná

Casquel Agrícola e Industrial S.A.
Município: Cambará

Coop. Agríc. Regional de Produtores de Cana Ltda
Município: São Carlos do Ivaí

Destilaria Americana S.A.
Município: Nova América da Colina



GOVERNO SABE COMO E ONDE DEVE APOIAR O SETOR

Fortemente atingida pela crise internacional, a atividade sucroalcooleira já vinha enfrentando problemas decorrentes da falta de remuneração para seus produtos e do pesado endividamento ocasionado por projetos de expansão. Tudo indica que dificuldades persistirão em 2009 e medidas de apoio devem ser tomadas com urgência pelos governantes

Anísio Tormena

O segmento sucroalcooleiro, uma das áreas do agronegócio que mais absorve mão-de-obra e contribui para o desenvolvimento do interior, vive um período de grandes dificuldades. Depois de investir em projetos de expansão, que ainda não tiveram a esperada contrapartida, como a maior demanda por etanol no mercado externo, a crise dos mercados internacionais serviu para agravar ainda mais esta situação.

É lembrado que, em 2007, os governos do Brasil e dos Estados Unidos empenharam-se para que o etanol se consolidasse como um combustível capaz de ajudar aquele país e outros que se interessassem - a reduzir a forte dependência em relação a derivados de petróleo, como a gasolina.

Tomando como exemplo o bem sucedido programa brasileiro a partir do aproveitamento da cana-de-açúcar, considerado um modelo para todo o mundo, do qual se obtém um combustível renovável, limpo, altamente competitivo e que contribui para reduzir a poluição nos centros urbanos, os EUA decidiram estabelecer uma polí-

tica de investimento na produção de biocombustível.

Mas, em vez de abrir as portas para o produto brasileiro, ao qual impõe pesado tributo, aquele país preferiu, à custa de pesados subsídios, estimular a sua indústria interna, o que se revelou impraticável. Assim, ao demandar milho, um alimento nobre para a produção de etanol, os norte-americanos acabaram atraindo para si, críticas e a antipatia internacional, o que desencadeou um festival de desinformações que atingiu, indevidamente, o próprio etanol de cana.

Notícias propositalmente plantadas de que florestas estavam sendo desmatadas para dar lugar ao plantio de cana, assim como grandes áreas destinadas à produção de alimentos eram redirecionadas para abastecer a indústria de biocombustível, confundiram a opinião pública e causaram retração nos mercados por etanol. Isto se observou, por exemplo, na União Européia, onde as reações foram mais contundentes.

Tentou-se, de uma hora para outra, fazer do biocombustível um vilão, com o que até se concorda quando o foco é o etanol produzido com milho nos Estados Unidos. No entanto, em hipó-

tese alguma isto poderia ter sido aplicado ao etanol da cana-de-açúcar. No Brasil, além de não haver a concorrência cana x alimentos, e de não ser necessário o desmatamento para a implantação das lavouras, o etanol é um sucesso sob todos os aspectos. Ele conquistou a preferência dos consumidores por sua competitividade frente à gasolina, sendo que, aqui mesmo no País, surgiu a ousada tecnologia do carro de motorização flexível, o chamado flex, que permite ao proprietário abastecer com álcool ou gasolina.

Aliás, a grande receptividade em relação aos veículos flex é que, no mercado interno, tem garantido sustentação à produção do etanol brasileiro. Nos últimos anos, as montadoras renderam-se a esse tipo de veículo e, hoje, mais de 90% das unidades fabricadas no País são flex, com possibilidade de que se propaguem também pelo exterior.



A mudança de governo nos Estados Unidos gerou expectativa no segmento sucroalcooleiro

Não fosse pela grandeza do mercado interno de etanol, dando vazão à produção das usinas, certamente, o setor já teria desaparecido, visto que nos últimos anos, por outro lado, as cotações do açúcar foram desestimulantes.

Ainda em 2008, as altas constantes do petróleo, cujo barril chegou a beirar os US\$ 160, geraram inquietação internacional, fazendo com que os governos se mostrassem interessados em buscar alternativas. No entanto, a forte derrocada dos preços do óleo, que atingem, atualmente, níveis aviltantes, abaixo de US\$ 40/barril, acabaram desestimulando aqueles esforços, que voltaram à estaca zero.

Nos Estados Unidos, como era previsto, a indústria de etanol a partir de milho entrou em dificuldades pois, mesmo mantida com robustos subsídios, o preço final do produto passou a não mais competir com a gasolina barata, colocando em risco o programa governamental que prevê substituir, gradativamente, esse derivado de pe-

tróleo.

É previsível que a cotação do petróleo não se sustentará em níveis tão baixos, assim como não podia se manter por mais tempo naquela escalada febril. Todos esperamos que seja alcançado, sem demora, um ponto de equilíbrio. Mas essa situação, de qualquer forma, constitui também uma séria ameaça à sobrevivência do etanol brasileiro, porquanto, a sua concorrente direta, a gasolina, deveria ser vendida aos consumidores no mercado interno a preços bem mais razoáveis. Isto só não acontece porque a Petrobras, assim como não foi autorizada a promover reajustes dos derivados, quando do período de alta do petróleo, não está agora, em contrapartida, repassando os benefícios com a baixa do óleo.

Se já eram muito preocupantes as dificuldades enfrentadas pelo setor sucroalcooleiro, tornaram-se ainda maiores, com o advento da grande crise mundial originada nos Estados Unidos. A escassez internacional de crédito, pronunciada a partir de outubro, estancou as exportações de etanol e de açúcar, criando um quadro de incertezas para 2009. Depois de vários anos, o açúcar sinaliza para uma tendência de preços mais remuneradores, como reflexo da redução da produção brasileira e da quebra da safra indiana. No entanto, a falta de liquidez, que resulta da crise, poderá impedir, no decorrer do ano, que as indústrias brasileiras sejam beneficiadas com esse novo cenário.

Cabe mencionar, ainda, que a mudança de governo dos Estados Unidos gerou expectativas no segmento sucroalcooleiro, que confiante em Barack Obama, conhecedor das vantagens do etanol de cana brasileiro, implemente uma sensata política de importação em que seja eliminada ou pelo menos reduzida a pesada tarifa, que atualmente, incide sobre o produto. No entanto, encontrar soluções para a grave e desafiadora crise mundial, que tantos estragos já promoveu e ameaça arruinar a economia norte-americana, tem sido a prioridade da Casa Branca.

Resta-nos, portanto, apelar para que o governo brasileiro tome, com urgência, medidas de apoio à atividade sucroalcooleira, sem as quais teremos em 2009 de grandes dificuldades, que se refletirão, certamente, na redução substancial da oferta de etanol e açúcar em 2010. Hoje, com seu passivo e endividamento, as usinas e destilarias do País não têm como continuar investindo na



fertilização das lavouras e nem sequer em uma adequada manutenção de suas estruturas. Para muitas, sem dúvida alguma, será difícil implementar a safra, visto que descapitalizadas terão que produzir e, imediatamente, fazer caixa para honrar seus compromissos. Tão fortemente pressionadas, as indústrias obrigam-se a vender a produção a qualquer preço, comprometendo, desta forma, o próprio futuro.

Necessitamos de uma ampla reestruturação de R\$ 3,45 bilhões em dívidas com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), bancos comerciais, tradings e fundos de investimento.

Ao mesmo tempo, a liberação de até R\$ 3 bilhões para financiar os custos da estocagem de etanol ("warrantagem") ao longo da safra 2009/10 é crucial.

As medidas de apoio do governo precisam contemplar, ainda, a recomposição do capital de giro das empresas, linhas de financiamento aos compradores (tradings), redução dos custos e concessão de Adiantamento sobre Contratos de Câmbio (ACCs) e empréstimos aos produtores

para plantio da matéria-prima. A warrantagem resolveria as dívidas e evitaria uma queda maior dos preços.

Todos esses pleitos foram levados aos ministérios da Fazenda e da Agricultura e estão sendo discutidos desde dezembro. O assunto tem sido tratado com cautela e discrição. Parte do governo entende que não se deve deixar o setor ainda mais vulnerável ao capital externo, o que poderia desencadear uma avalanche de compras por investidores e sócios estrangeiros. Por isso, há estudos para estimular fusões e aquisições entre empresas nacionais. O governo sabe, enfim, como e onde precisa ajudar.

Esperamos, pois, poder sentar à mesa com o governo e decidir sobre soluções imediatamente. Não há tempo a perder.

ANÍSIO TORMENA

Presidente da
ALCOPAR/SIALPAR/SIAPAR
Coordenador do Fórum
Nacional de Lideranças do
Setor Sucrialcooleiro



Av. Carneiro Leão, 135 - Centro Empresarial Europa - salas 903/904 - Caixa postal 1160 - CEP 87014-010
Maringá - Paraná - Fone (44) 3225-2929 - Fax (44) 3225-2612 - e-mail: alcopar@alcopar.org.br - www.alcopar.org.br

DIRETORIAS GESTÃO 2006/2009

ALCOPAR

Associação de Produtores de
Bioenergia do Estado do Paraná

Conselho Diretor

- Anísio Tormena
- João Batista Meneguetti
- Ricardo Albuquerque Rezende
- Daniel Meneghel
- Paulo Adalberto Zanetti
- Sidney Meneguetti
- Sérgio Bibiano Rodrigues
- Constante O.C. Arruda

Conselho Fiscal

- | | |
|-------------------|------------------------|
| EFETIVOS | SUPLENTES |
| Pedro Baggio Neto | Vicente M. Okamoto |
| Dorival Malacario | Francisco Meneguetti |
| Roberto Consalter | Júlio César Meneguetti |

Superintendente

José Adriano da Silva Dias

SIALPAR

Sindicato da Indústria de Fabricação
de Álcool do Estado do Paraná

SIBIOPAR

Sindicato da Indústria de Produção
de Biodiesel do Estado do Paraná

Diretores

- | | |
|-------------------------|-------------------|
| EFETIVOS | SUPLENTES |
| Anísio Tormena | Sidney Meneguetti |
| Albino Mazzaro | Hélcio Rabassi |
| Miguel Rubens Tranin | |
| João Batista Meneguetti | |

Conselho Fiscal

- | | |
|-------------------|------------------------|
| EFETIVOS | SUPLENTES |
| Pedro Baggio Neto | Vicente M. Okamoto |
| Fábio Rezende | Júlio César Meneguetti |

Delegados Representantes

- | | |
|-------------------|-----------------------------|
| EFETIVOS | SUPLENTES |
| Anísio Tormena | Ricardo Albuquerque Rezende |
| Sidney Meneguetti | João Batista Meneguetti |

SIAPAR

Sindicato da Indústria do Açúcar
no Estado do Paraná

Diretores

- | | |
|-------------------------|------------------------------|
| EFETIVOS | SUPLENTES |
| Anísio Tormena | Antonio Sérgio de Oliveira |
| Hélcio Rabassi | Daniel Meneghel |
| Sidney Meneguetti | Paulo Adalberto Zanetti |
| João Batista Meneguetti | Ricardo Albuquerque R. Filho |

Conselho Fiscal

- | | |
|----------------------|---------------------------|
| EFETIVOS | SUPLENTES |
| Fábio Vicari Rezende | Francisco Meneguetti |
| Moacir Meneguetti | Julio César Meneguetti |
| Vicente M. Okamoto | Manoel Francisco Campiolo |

Delegados Representantes

- | | |
|-------------------------|-----------------------------|
| EFETIVOS | SUPLENTES |
| Anísio Tormena | Sidney Meneguetti |
| João Batista Meneguetti | Ricardo Albuquerque Rezende |





Um ano atípico, como poucos

Ritmo mais lento, provocado por fatores como a concentração de chuvas em determinados períodos do ano, obrigou grande parte das usinas a “esticar” a safra

A safra de cana-de-açúcar do ciclo 2008/09, no Paraná, foi marcada por uma série de problemas que atrasaram os trabalhos e fizeram com que, em várias regiões, nem houvesse entressafra. Grande parte das usinas não conseguiu dar conta da área cultivada com canaviais, que passou de cerca de 500 mil hectares na safra anterior para 545 mil hectares atualmente, pois o clima não ajudou. Chuvas constantes, em algumas épocas do ano, protelaram a operação. Como resultado, sobrou cana em pé. A previsão da ALCOPAR é que pelo menos 10% das lavouras deixaram de ser colhidas. Com isso, da previsão inicial de uma colheita ao redor de 50,4 milhões de toneladas, foi realizado um montante de 45 milhões de toneladas, mesmo assim 9,6% mais que as 40 milhões de toneladas da temporada 2007/08.

Para algumas usinas que investiram em projetos de expansão, os problemas não foram apenas com o tempo: houve atraso na entrega de equipamentos, por

parte de fornecedores, o que as obrigou a iniciar o corte da cana um pouco mais tarde que o normal. Como consequência, a safra foi “empurrada” para a frente. Das 28 usinas e destilarias em atividade no Estado, 2 não começaram a safra por problemas diversos e 12 romperam 2009 trabalhando.

Outro grupo de usinas avançou um pouco mais os trabalhos de colheita já prevendo, da mesma forma, antecipar o início da safra seguinte. A estratégia tem a finalidade de aproveitar a época de entressafra, em que a cotação do álcool, normalmente, sobe para conseguir melhor remuneração.

“Tivemos um ano completamente atípico”, comenta o superintendente da ALCOPAR, José Adriano da Silva Dias. Ele acredita que os quase 50 dias sem chuvas no Norte e Noroeste do Estado, no final de 2008, que se somaram ao forte calor, poderão afetar a produtividade das lavouras, que estavam em desenvolvimento. Isto só será possível avaliar, no entanto, no decorrer da nova safra.



Norte do Paraná ganha terminal de álcool e açúcar

Empreendimento de R\$ 100 milhões, realizado pela CPA Trading S/A, empresa formada por várias usinas, é estratégico por desafogar estrutura de armazenagem na região e facilitar escoamento e comercialização

Com a presença de várias autoridades, como o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, a CPA Trading S/A inaugurou no dia 2 de abril um terminal de armazenagem e transbordo de álcool e açúcar. Localizada na divisa entre os municípios de Sarandi e Marialva, região de Maringá (PR), a estrutura foi considerada pelas lideranças presentes um marco para o setor.

“A obra é resultado da união de esforços do segmento no Paraná e dará condições para que o setor mantenha sua competitividade, sendo uma referência para os estudos sobre o alcoolduto que se pretende ter no futuro”, afirmou o presidente da ALCOPAR, Anísio Tormena.

O ministro Reinhold Stephanes disse

R\$ 100

milhões foi o total
de investimentos
realizado



Autoridades e lideranças prestigiam o evento

que “a visão estratégica que este grupo teve dentro do cenário atual e do que se projeta para o futuro é coisa para empreendedores, para homens de visão, fora o que representa em termos de impostos, empregos e da atividade econômica que gera”.

Para o presidente da CPA Trading, Dagoberto Delmar Pinto, os dois empreendimentos são estratégicos para as usinas associadas. Com as novas constru-

ções, será possível desafogar a estrutura de armazenamento das unidades.

O secretário especial do Paraná, Heron Arzua, que representou o governador do Estado, Roberto Requião, o então superintendente da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (APPA), Eduardo Requião, além de vários prefeitos e parlamentares, estiveram entre as autoridades presentes.



Estrutura, que foi construída ao lado de linha férrea e próxima da BR-376, oferece 150 empregos diretos

Empresa já está projetada para ampliação

Com investidos de cerca de R\$ 100 milhões, o terminal tem capacidade de armazenagem de 100 milhões de litros de álcool em 17 tanques e 200 mil toneladas de açúcar em dois armazéns. Com o crescimento da demanda, esta poderá ser ampliada para 200 milhões de litros de álcool e 500 mil toneladas de açúcar, já tendo toda a infra-estrutura de base pronta na área de 168 mil metros quadrados.

O terminal, que é multimodal, co-

meçou no final de abril a receber e a escoar açúcar e álcool de suas associadas através de caminhões ou de trem.

Na safra 2008/09, a CPA Armazéns Gerais, empresa criada em 2002, que presta serviço na área de armazenagem, recepção e transbordo de álcool e açúcar e vai gerenciar o terminal, movimentou cerca de 660 mil toneladas de açúcar e 600 milhões de litros de álcool.

Além dessa unidade, está prevista, ainda, a construção de uma estrutura de

armazenagem e preparo de álcool para exportação em um terreno de 22 mil metros quadrados no setor de inflamáveis líquidos do Porto de Paranaguá (PR). As obras devem começar até o final do mês de abril com previsão de término no primeiro semestre de 2009. Esta terá capacidade para 65 milhões de litros de álcool e será equipada com peneira molecular para atender diferentes segmentos e demandas do mercado. A unidade deve gerar 45 empregos diretos.

Entre as maiores do País

A CPA está entre as quatro maiores empresas de exportação de álcool total no Brasil e no mundo e é a maior exportadora de álcool industrial do País. Na safra 2007/08, a CPA foi responsável pela logística de 1,1 bilhão de litros de álcool, o que equivale a cerca de 60% do total produzido no Estado. Desse montante, 430 milhões foram exportados, volume bem maior que os 300 milhões de litros negociados no mercado externo durante o ciclo

2006/07. Na safra 2008/09, foram movimentados 1,5 bilhão de litros de álcool.

Integram a empresa as cooperativas Copagra (Nova Londrina), Nova Produtiva (Astorga), Coopcana (Paraíso do Norte) e Cooperval (Jandaia do Sul) e as usinas Vale do Ivaí (São Pedro do Ivaí), Usaciga (Cidade Gaúcha), Goioerê (Moreira Salles), Dasa (Nova América da Colina) e Santa Terezinha (Maringá).



A visão estratégica que este grupo teve dentro do cenário atual e do que se projeta para o futuro é coisa para empreendedores, para homens de visão

(Ministro Reinhold Stephanes)





Pasa exportou 15% mais açúcar em 2008

Mesmo com a menor produção paranaense, que foi preterida em favor do álcool, terminal registrou o embarque de 2,397 milhões de toneladas

Localizada no Porto de Paranaguá (PR), a Pasa Paraná Operações Portuárias S.A. exportou 15% a mais de açúcar em 2008 do que no período anterior, segundo informou Pêrsio Souza de Assis, gerente geral da empresa. Isso, apesar de a safra 2008/09 do Paraná e do Brasil terem sido mais alcooleiras com redução de 3% da produção paranaense de açúcar, que ficou em 2,408 milhões de toneladas, contra 2,481 milhões na safra anterior.

Foram embarcadas pelo terminal paranaense no ano passado cerca de 2,397 milhões de toneladas de açúcar VHP (Very High Polarization), tipo de açúcar não refinado, considerando o produto originário das usinas do Paraná e de empresas de São Paulo. Além de operar com o açúcar produzido pelas associadas, o terminal presta serviços para outras empresas. Em 2007, o ano fechou com 2,067 milhões de toneladas

exportadas.

O crescimento da movimentação econômica da Pasa deu-se, principalmente, por conta das transações comerciais com terceiros. Do volume total exportado, 406 mil toneladas vieram de usinas de São Paulo, volume que em 2007 foi de apenas 158 mil toneladas. Se for considerado apenas o volume exportado pelas usinas paranaenses, os embarques da Pasa, para o exterior, cresceram somente 4%. O principal mercado comprador do açúcar paranaense é a Rússia, que responde sozinha por 75% do total embarcado pelo Estado, seguido de Egito, África do Sul e Nigéria, entre outros países.

Com capacidade para armazenar 174 mil toneladas de açúcar, a Pasa é o primeiro terminal exclusivo para o embarque de açúcar a granel da região Sul do Brasil. Está equipado com moega acoplada a um sistema rodoferrviário com

capacidade para absorver 16 mil toneladas de açúcar por dia, sendo 70% por ferrovia e 30% por rodovia. A capacidade de embarque é de 1,5 mil toneladas/hora, o que permite exportar até 3 milhões de toneladas de açúcar a granel no ano. Além dos dois armazéns já existentes, a Pasa estuda a construção de mais um para 70 mil toneladas nos próximos anos, o que vai depender da evolução do mercado e da produção paranaense.

174

mil toneladas
é a capacidade
de armazenamento
da empresa

Embarques de álcool ganham ritmo

O Terminal Público de Álcool do Porto de Paranaguá vem cumprindo a meta traçada pelos produtores de álcool e pela Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa). Em 2008, foram embarcados cerca de 120 milhões de litros.

No dia 11 de novembro, representantes da Álcool do Paraná reuniram-se com a direção da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa). “O terminal está funcionando muito bem, com uma performance excepcional e muito acima do que esperávamos. Todos os navios, que foram embarcados até agora, anteciparam seus prazos contratuais de embarque. A qualidade dos produtos embarcados é excelente e a eficiência das operações é muito boa”, avaliou o presidente da Álcool do Paraná, Ricardo Rezende.

Pelo terminal pode ser embarcado qualquer tipo de álcool, como os carburantes e os usados para indústrias de bebidas e farmacêutica. Além da estrutura para descarga de caminhões, a América

Latina Logística (ALL) executa um desvio ferroviário para descarga de vagões. O processo de qualidade do produto exportado é rigoroso e é acompanhado desde o plantio da cana-de-açúcar até o embarque. Os tanques, os dutos e os navios também são examinados e certificados.

“Acreditamos que, no ano que vem,



Acreditamos que, no ano
que vem, 100% das
usinas paranaenses
utilizarão o Terminal
Público de Álcool

(Ricardo Rezende, presidente
da Álcool do Paraná)

100% das usinas paranaenses utilizarão o Terminal Público de Álcool. Ainda existem pequenos contratos firmados com outros terminais ao longo desta safra, mas, no ano que vem, elas migrarão para o terminal, que apresenta custo até 40% inferior em comparação aos demais. Tenho certeza de que os demais terminais estariam cobrando muito mais se o terminal público não estivesse funcionando”, avaliou Rezende.

“A parceria firmada entre a Appa e as usinas paranaenses mostra o quanto podemos fazer pelo terminal portuário e pela economia do Paraná. Juntos, transformamos a realidade do Porto de Paranaguá, fazendo dele um modelo de gestão que valoriza o sistema público. Hoje, temos o Terminal Público de Álcool em pleno funcionamento e, em breve, vamos inaugurar novos espaços públicos para a movimentação de mercadorias, com recursos próprios e utilizando mão-de-obra local”, declarou Daniel Lúcio Oliveira de Souza, superintendente da Appa.





Com cana, qualidade de vida

A melhoria das condições de vida de trabalhadores e cooperados é considerada a grande conquista das cooperativas que trabalham com cana-de-açúcar no Paraná

Há 26 anos, o município de Florestópolis, situado na região de Londrina, Norte do Paraná, exibia uma triste estatística: estava entre os que apresentavam os mais altos índices de mortalidade infantil no Estado do Paraná. À época, a economia cafeeira havia desabado com a forte geada de 1975, a agricultura tentava mudar rapidamente o seu perfil e um grande contingente de mão-de-obra, que atuava nas lavouras cafeeiras, viu-se órfão de uma hora para outra.

A situação era trágica: empobrecimento, falta de perspectivas, debandada para os centros urbanos. O fim do café, cultura empregadora, tinha o seu oposto: o avanço dos cultivos de grãos, feitos por máquinas, com o uso intenso de agrotóxicos e um número reduzido de trabalha-

dores. Em vez das colônias de casas e cafeeiros enfileirados a perder de vista, a paisagem agora era outra: com o predomínio da soja, do trigo e do milho, o deserto verde se espalhava, agredindo o solo vermelho e gerando erosão.

Na época, a mortalidade infantil em Florestópolis era de 127 por mil nascidos com até um ano de idade. Foi por essas cidades que a médica e sanitarista Zilda Arns começou a desenvolver a Pastoral da Criança visando a combater o alto índice de óbitos. Com sua metodologia própria de multiplicação do conhecimento e da solidariedade entre as famílias mais pobres, Arns, contribuiu para aplacar as doenças de fácil prevenção e a marginalidade das crianças.

O cooperativismo também teve participação decisiva nessa história. Em 1985,

a cooperativa Cofercatu, sediada na vizinha Porecatu, que havia nascido nos anos sessenta para congregar produtores de café, decidiu aproveitar os incentivos concedidos pelo Proálcool e investir em uma destilaria. A cana despontava como uma alternativa para garantir a sobrevivência das propriedades, lembra o presidente da cooperativa, José Otaviano Oliveira Ribeiro. “Além de gerar renda para os produtores, a cooperativa trazia um outro benefício de grande relevância social: devolvia o emprego para centenas de pessoas que trabalhavam no corte, melhorando suas condições de vida. Com isso, diminuiu a miséria, com efeitos diretos sobre a mortalidade infantil.”

Já em 1989, segundo números do Ministério da Saúde, o índice de óbitos no município caía para 33,51 e, em 1998,

chegava a 26,58. No ano de 2005, a situação de Florestópolis já não chamava atenção e o Estado do Paraná exibiu um dos mais baixos índices de mortalidade infantil em décadas: 13,71 para cada grupo de mil nascidos.

Dentre as 24 usinas e destilarias asso-

ciadas à ALCOPAR, seis são cooperativas atuam no segmento canavieiro: algumas que foram fundadas exclusivamente para isso, caso da Coopcana de Paraíso do Norte e a Cooperval de Jandaia do Sul; e as que fizeram da cana uma opção para diversificar os seus negócios, como

a Cofercatu, a Corol de Rolândia, a Copagra de Nova Londrina e a Nova Produtiva de Astorga. Juntas, elas empregam cerca de 20 mil pessoas e envolvem 2 mil produtores de cana, a maioria de pequeno porte. Indiretamente, esse número pode chegar a 80 mil.

O setor cresce, e nós vamos juntos

A melhor qualidade de vida é percebida de várias maneiras nas usinas e destilarias do Paraná. São funcionários que entraram há anos para ocupar funções modestas nas indústrias e hoje estão em cargos estratégicos e de decisão, e até mesmo trabalhadores rurais que foram aproveitados em áreas administrativas e evoluíram em suas profissões. De um modo geral, todas as empresas têm exemplos de sobra.

Quando começou a trabalhar no corte e no plantio de cana na Cooperval, em 1982, José Roberto Domingues, então com 23 anos, tinha parado de estudar na oitava série do ensino fundamental. “A cooperativa viu que eu tinha potencial e me incentivou”, conta.

Hoje, trabalhando como encarregado de pessoal do campo, ele não só finalizou o ensino médio como fez dois



José Carlos e a família: “não enjeito trabalho”



Jordão Aparecido soube aproveitar as oportunidades, como a de conquistar um emprego estável

anos de faculdade de Administração. Outro que deu um salto na vida foi Jordão Aparecido Luizetto. Ele começou a trabalhar como cortador de cana em 1988, quando mal tinha cursado o ensino fundamental. Hoje, formado em Administração de Empresas, tornou-se supervisor de suprimentos. “Eu agarrei todas as oportunidades que tive”, diz ele. “Não há incentivo maior do que ver que as pessoas acreditam em você. Esse apoio foi muito importante na minha vida pessoal e profissional”, acrescenta Jordão, que tem casa própria, carro e até um pequeno comércio na cidade, que fica sob a responsabilidade da esposa, a quem conheceu na época em que ambos cortavam cana.

OPORTUNIDADE

Como teve que trabalhar desde cedo

para ajudar a cuidar de seis irmãos mais novos, José Carlos da Silva Nunes só tinha estudado até o segundo ano primário, quando começou a trabalhar no corte e plantio de cana em 1985. De cortador, em pouco tempo ele passou a fiscal de eito, apontador, fiscal geral e hoje é encarregado de corte.

“A usina incentivou a estudar e investiu em mim. Como tinha mesmo vontade de voltar a estudar, aproveitei: fiz dois cursos de aperfeiçoamento e terminei o ensino médio. Neste trabalho, a gente encontra todas as oportunidades de que precisa na vida. Só não melhora de vida quem não quer”, afirma. Animado, José Carlos diz que seu próximo passo será fazer um curso de informática e talvez um curso técnico em segurança ou na área agrícola.



Produzir riquezas,
gerar empregos,
garantir qualidade de vida.



O setor de bioenergia é um dos pilares da economia do Paraná.

INDÚSTRIA DE BIONERGIA DO PARANÁ

Consecana-PR completou, em junho, sua 100ª reunião

Conselho foi criado para equilibrar a relação entre fornecedores de cana e indústria

Em junho, representantes de produtores de cana-de-açúcar e da indústria sucroalcooleira do Paraná realizaram a 100ª reunião do Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado do Paraná (Consecana-PR). Desde 2000, o Consecana define os valores da tonelada de cana básica que servem de referência para a comercialização de mais de 80% da safra.

Com o fim do Instituto de Açúcar e do Álcool (IAA) no governo Collor, em 1990, e a desregulamentação do setor, com a saída do governo (que tutelava as vendas de álcool e açúcar) em 1998/99, o Consecana foi criado para equilibrar a relação entre fornecedores de matéria-prima e a indústria.

Desde então, o preço da cana (sempre para o mês seguinte) passou a ser decidido em conjunto por produtores e indústrias, com base em valores de comercialização de derivados, somado ao mix de comercialização, os preços do ATR de cada produto e o preço médio do ATR do mês, seguindo o mesmo modelo adotado pelo Consecana de São Paulo.

“O conselho veio preencher o vácuo



Conselho gerou mais transparência para a fixação do preço da cana

que ficou com a ausência do governo na definição do preço da matéria-prima. Trouxe maior tranquilidade e clareza nas relações de negócios entre os produtores

e a indústria. Todos conhecem e discutem o comportamento de preços e mercados, chegando a um consenso”, afirma Paulo Roberto Misquévis, vice-presidente do Consecana-PR.

Para executar o trabalho, foi firmado um convênio com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), que mapeia a comercialização de álcool e açúcar das indústrias. Assim, de forma independente, é calculada uma média, que serve de base para estabelecer o preço da cana, além de municiar os membros do Consecana com informações sobre os valores de referência dos produtos no mês, acumulados até o mês e projetados para o ano safra.

Quem participa

As reuniões dos 12 membros do Consecana são mensais. O conselho é paritário, com seis representantes dos produtores indicados pela Federação da Agricultura do Paraná (Faep), normalmente presidentes de Sindicatos Rurais, e seis representantes da in-

dústria, indicados pela ALCOPAR, além de seis suplentes de cada setor. A dupla que coordena os trabalhos, também com um representante de cada segmento, é eleita por dois anos sendo que cada um assume a presidência por um ano.

ALCOPAR institui Galeria de Presidentes

Além do atual, entidade fundada em 1981 já teve outros quatro líderes



Júlio Meneguetti (representando o pai, Felizardo Meneguetti), Ermeto Barea, Eliseu de Paula, Ricardo Albuquerque Rezende e Anísio Tormena

Em um almoço de confraternização, realizado no dia 5 de dezembro no Bristol Hotel em Maringá (PR), que reuniu dirigentes da entidade e representantes de usinas associadas, a ALCOPAR instituiu a sua Galeria de Presidentes. São cinco retratos pintados a óleo pelo artista plás-

tico Edgar Osterroht, pioneiro de Maringá. Eles foram descerrados durante o evento e transportados depois para a sede da entidade, onde a Galeria foi instalada.

A ALCOPAR foi fundada em 1981 durante um jantar no antigo Restaurante Brasília, em Maringá. À época, o governo federal estimulava a implantação de destilarias

com incentivos oferecidos pelo Programa Nacional do Alcool, o Proálcool. Naquela época, várias dessas unidades já começavam a funcionar na região, mergulhadas ainda em um clima de incertezas. Hoje, o Estado conta com 30 indústrias sucroalcooleiras que, juntas, somam 80 mil empregos diretos e 500 mil indiretos.

O primeiro presidente foi o empresário Felizardo Meneguetti, um dos fundadores e diretor da Usina Santa Terezinha, sediada em Maringá. Ele ficou no cargo por dois mandatos, de 1981 a 1986. O segundo presidente foi Eliseu de Paula, que na época já comandava a cooperativa Corol de Rolândia. Ele permaneceu na função de 1986 a 1989, período em que foram criados os dois sindicatos que, hoje, estão agrupados à ALCOPAR, voltados à fabricação de álcool e de açúcar. O empresário Ricardo Albuquerque Rezende, fundador e presidente da Sabarálcool, foi o terceiro presidente da Alcopar (entre 1989 a 1995) mas, antes disso, já respondia pela presidência, desde 1986, daqueles dois sindicatos. Em sua época, Rezende consolidou as entidades, que ganharam sede própria em 1994. O presidente seguinte foi Ermeto Barea, um



Júlio Meneguetti e Anísio Tormena, quando do descerramento do retrato de Felizardo Meneguetti



O evento no Hotel Bristol foi bastante prestigiado

OS PRESIDENTES

- ➔ 1981 a 1986: Felizardo Meneguetti, fundador e diretor da Usina Santa Terezinha, de Maringá
- ➔ 1986 a 1989: Eliseu de Paula, presidente da Corol Cooperativa Industrial, de Rolândia
- ➔ 1989 a 1995: Ricardo Albuquerque Rezende, presidente da Sabarálcool, de Engenheiro Beltrão
- ➔ 1995 a 2000: Ermeto Barea, fundador e diretor da Usaciga, de Cidade Gaúcha
- ➔ A partir de 2000: Anísio Tormena, fundador e diretor da Coopcana, de Paraíso do Norte

dos fundadores e diretor da Usaciga: ele assumiu em 1995 e ficou até 2000, enfrentando um dos momentos mais conturbados da atividade sucroalcooleira. Foi quando o governo federal decidiu desregular o setor. Uma das principais realizações dessa gestão foi criar e implantar as bases do terminal próprio de embarque de açúcar a granel, em Paranaguá. Anísio Tormena, diretor da Coopcana de Paraíso do Norte, tornou-se o quinto presidente da ALCOPAR, SIALPAR e SIAPAR, em 2000. Naquele mesmo ano foi implantado o Consecana, considerado um divisor de águas na formulação de preços da matéria-prima. Em 2002, o setor inaugurou o terminal de açúcar com a criação da empresa Pasa (Paraná Operações Portuárias S.A.) e concebeu em Maringá a CPA Trading S.A., para armazenamento e comercialização de álcool. Em 2007, o governo estadual inaugurou o terminal público de embarque de álcool, em Paranaguá, que passou a ser gerido por uma empresa do setor, a Álcool do Paraná.

“Trabalho exemplar”, segundo Tormena

No cargo desde 2000, Anísio Tormena diz que a história do setor sucroalcooleiro do Paraná “foi construída sempre com muita garra e integração entre os empresários, contando também com o apoio do governo estadual, que nunca deixou de ser um parceiro”. Por causa desse “trabalho exemplar”, conforme definiu, o Paraná passou de simples promessa na produção de álcool, no início da década de 80, para a condição de segundo maior produtor nacional de cana, açúcar e álcool, só ficando atrás de São Paulo. Tormena disse que o Paraná reúne condições ideais para o desenvolvimento



Ao resgatar a história do setor, fazemos um reconhecimento às suas lideranças

(Anísio Tormena, atual presidente)



Tormena: avanços trouxeram mais competitividade

da atividade, como áreas apropriadas para a expansão das lavouras, sobretudo em regiões de pastagens degradadas, clima adequado, logística favorável com rodovias, estrada de ferro e a proximidade com o Porto de Paranaguá. A tudo isso se somaram, nos últimos anos, estruturas que asseguraram mais competitividade à

produção de açúcar e álcool, como os terminais de embarque desses produtos em Paranaguá, a CPA Trading (já uma das principais exportadoras de álcool do mundo) e outras iniciativas. Se viabilizado, o alcoolduto representará mais um grande avanço nesse sentido, lembra o presidente.

Entidade agrega 'bioenergia'

Desde o final de maio, a denominação da ALCOPAR deixou de ser Associação de Produtores de Álcool e Açúcar do Paraná para focar o segmento de forma mais abrangente. Tornou-se Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná.

A mudança se fez necessária, explica o superintendente José Adriano da Silva Dias, para que a entidade se adequasse à nova realidade das usinas sucro-



BIOENERGIA

alcooleiras, que deixaram de ser apenas produtoras de açúcar e álcool ao agregar em seu portfólio a cogeração de energia.

Com a nova denominação, abre-se, também, outras perspectivas ampliando a área de ação e possibilitando que demais produtores de bioenergia possam ingressar na entidade.

Além de unidades de cogeração de energia elétrica, esse setor inclui indústrias de biodiesel e outros. “É um

segmento que começa agora a ser estruturado, mas que tem grandes perspectivas de crescimento”, enfatiza Dias.

Por solicitação de algumas indústrias sucroalcooleiras, a mudança já vinha sendo discutida desde o final de 2007, sendo aprovada na assembleia geral de março. O processo, no entanto, só foi finalizado no final de maio, com a mudança do estatuto da entidade no Cartório de Títulos e Documentos, no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e nos demais órgãos.

Reuniões técnicas

Quatro etapas da programação realizada há anos, no Paraná, aconteceram em 2008; iniciativa é da Alcopar em parceria com a UFPR e o apoio da Dow AgroSciences

Como praticamente todos os novos projetos de usinas têm iniciado com a maior parte da colheita realizada de forma mecânica, quando não também o plantio, adaptar-se a essa realidade e superar os problemas que ainda existem é básico para as usinas. A mecanização do plantio e da colheita, uma tendência crescente e sem volta diante da falta de mão-de-obra no campo, foi tema de uma das etapas das Reuniões Técnicas realizadas em 2008, por René de Assis Sordi, consultor da EneRcana nas áreas de manejo varietal, colheitabilidade, fitossanidade e ensaios de variedades.

Em um cenário de expansão da colheita mecânica de cana crua, Sordi disse que um dos desafios é resolver os problemas causados pela palha deixada no campo, como a dificuldade de brotação da soqueira e a potencialização dos efeitos da geada: a palha forma uma espécie de colchão que impede a troca de calor, deixando a temperatura ainda mais baixa. Da mesma forma, a cigarrinha das raízes preocupa, por encontrar melhores condições para se multiplicar em meio à matéria seca deixa-



Encontros reúnem pesquisadores e técnicos de usinas

da no solo. Para resolver o problema, segundo o pesquisador, os produtores podem lançar mão do controle químico ou biológico.

Sordi ressaltou que sob o ponto de vista agrônômico, o sistema de cana crua é o melhor porque deixa matéria seca no solo, o que aumenta o índice de camada orgânica. Como exemplo, citou o caso de algu-

mas usinas que já adotam a colheita mecânica de cana crua há mais tempo e têm registrado aumento de produtividade e de vida útil do canavial em algumas variedades. Com o preço atual da energia, Sordi avaliou que é preciso pensar no aproveitamento energético da palha na cogeração de energia. Em média são produzidas 14 toneladas de massa seca por hectare.

Mudanças nas colheitadeiras resolveram vários problemas

Problemas de compactação e pisoteio na colheita mecânica podem ser resolvidos com o uso de espaçamentos adequados, seguindo-se orientações técnicas e com as mudanças feitas no sistema de rodado ou bitola do pneu nas colheitadeiras e transbordos, conforme comentou René Sordi. Na primeira, o sistema de rodado mudou de pneus para esteiras; no caso dos transbordos, os pneus industriais e eixos simples foram substituídos

por pneus de alta flutuação e eixo tandem.

O pesquisador mencionou algumas outras mudanças importantes nas colheitadeiras. O rolo tombador, que recolhe a cana, antes fixo, agora é flexível e com ajuste hidráulico, o que deixa de perder matéria-prima. O disco de corte lateral também possibilita ajustes, reduzindo casos de cana esmagada ou arranquio de touceiras inteiras.

Com uma abertura mais apropriada na entrada da cana, a colhedora deixou de perder cana ou de embuchar, o que reduzia o rendimento. Outras mudanças foram a substituição dos comandos de base manuais por automáticos, o aumento do número de pás no extrator primário de três para quatro e a instalação de rolo picador com quatro em vez de três facas, garantindo melhor qualidade de corte e regulagem.

Metalmecânica Sucroalcooleira

Mostra realizada em Maringá atraiu 15 mil visitantes e rendeu R\$ 20 milhões em negócios; participação do setor, pela primeira vez, potencializou os resultados, na avaliação dos organizadores

Com 15 mil visitantes e a geração de mais de R\$ 20 milhões em negócios, a oitava edição da Feira Metalmecânica 2008 registrou avanços que foram considerados expressivos por Carlos Walter Martins Pedro, presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Maringá (Sindimet), a entidade que promoveu o evento em parceria com o SENAI e ALCOPAR.

Realizada de 15 a 18 de outubro no Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro, em Maringá, a mostra foi encerrada com muitos dos espaços já reservados para a edição de 2009. “A maior parte dos expositores fecharam negócios na feira e outros foram iniciados durante a realização”, assinala Pedro.

A avaliação é que a participação pela primeira vez do setor sucroalcooleiro, como um dos promotores contribuiu para potencializar os resultados. A feira é considerada uma das principais exposições do segmento metalmecânico no Brasil. “A força econômica das indústrias metalmecânica e sucroalcooleira de

Maringá e região alavancou o crescimento e consolidou a feira no calendário nacional de eventos, atraindo grandes expositores nacionais”, afirma o presidente do Sindimet.



Com muitas atrações, o evento atraiu um grande número de visitantes

do País, que estima movimentou na safra 2008/09 cerca de R\$ 4,4 bilhões com a operação de 29 usinas localizadas no Norte e Noroeste, conforme informou o presidente da ALCOPAR, Anísio Tormena.

“Em vez de criar um evento próprio, optamos por somar forças com uma feira de sucesso. A indústria metalmecânica é fornecedora de peças para as usinas. Para a indústria sucroalcooleira é interessante estimular negócios com fornecedores de Maringá e região. Hoje, muitas usinas têm que buscar fornecedores no interior de São Paulo, o que onera o processo”, considerou Tormena.

Realizada há 8 anos, feira tem crescimento contínuo

A Metalmecânica, que começou com 400 metros quadrados e por seis edições foi realizada nas dependências do SENAI, cresceu tanto que desde 2007 precisou ser transferida para um lugar mais espaçoso, o Parque de Exposições da cidade. Este ano foram 65 expositores em 11 mil metros quadrados, sendo fabricantes e fornecedores que representaram 150 marcas do Brasil e do exterior. Os 15 mil visitantes do Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, conferiram os últimos lançamentos em máquinas, equipamentos de soldagem, automação industrial, ferramentas de corte e fixação, máquinas de injeção de plásticos, usinagem, softwares, automação industrial, robôs industriais, entre outros.

Presente na abertura da feira, o pre-

sidente do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), Rodrigo Rocha Loures, disse que “mais uma vez Maringá está na linha de frente, sendo um exemplo para os municípios do Brasil. A cidade demonstra com essa grande feira que tem vontade e estrutura para esse tipo de evento, e, sobretudo, demonstra que tem preocupação com o futuro”. Rocha Loures afirmou, ainda, que a indústria metalmeccânica é estratégica e “uma feira como esta, envolvendo outros setores estratégicos, é um ativo inestimável”.

Fez parte da programação ainda palestras técnicas sobre automação, soldagem e tecnologia e a quarta edição da Mostra Tecnológica, com a exposição de projetos inovadores desenvolvidos por estudantes de universidades e produtores independentes. Foram apresentados cer-

ca de 40 protótipos e projetos de inventos, máquinas e equipamentos elaborados por acadêmicos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Centro Universitário de Maringá (Cesumar) e Incubadora Tecnológica de Maringá.

Para a próxima edição, os organizadores já planejam algumas alterações na formatação da feira como: mudar o horário e antecipar a sua realização para junho ou julho, data que seria mais interessante para expositores e compradores, segundo Luiz Antônio Mendonça, gerente do Centro de Tecnologia de Maringá (CTM). “Queremos, também, potencializar a Mostra Tecnológica. Esse contato da academia com o setor industrial alavanca parcerias para o desenvolvimento de projetos inovadores”, completa o presidente do Sindimetal, Carlos Walter Martins Pedro.



Representantes do setor: evento ganha força



Uma feira como esta, envolvendo outros setores estratégicos, é um ativo inestimável (Rodrigo Rocha Loures, presidente do Sistema Fiep)

11.000

metros quadrados, a área ocupada pela mostra; na primeira edição, em 2001, eram só 400



Carlos Walter, Rodrigo Rocha Loures e Anísio Tormena



A antiga Destilaria Cocari, hoje unidade Cambuí da Usina Vale do Ivaí

Vale do Ivaí adquire destilaria Cocari e Santa Terezinha absorve usina Coocarol

A destilaria da Cocari Cooperativa Agropecuária e Industrial, localizada no distrito de São Miguel do Cambuí, município de Marialva, tornou-se a mais nova unidade do Grupo Vale do Ivaí, com sede em São Pedro do Ivaí. O contrato

de aquisição foi assinado no dia 17 de março em Maringá pelos presidentes das duas empresas: Vilmar Sebold, da Cocari, e Paulo Adalberto Zanetti, da Vale do Ivaí.

Em plena atividade, desde o dia 18 de março, quando tomou posse da nova

estrutura industrial, a Vale do Ivaí Unidade Cambuí esmagou 700 mil toneladas de cana e produziu 60 milhões de litros de álcool na safra 2008/09.

As negociações que culminaram na aquisição da terceira indústria sucroalcooleira do Grupo - que em 2007 adqui-



Em Rondon, a sétima unidade do Grupo Santa Terezinha

riu também a destilaria Fronteira, no município de Fronteira (MG), iniciaram em agosto de 2007.

Por sua vez, o Grupo Santa Terezinha passou a contar, em 2008, com sua sétima unidade, depois de absorver

a estrutura da usina Coocarol, de Rondon, onde são produzidos álcool e açúcar.

Vale do Ivaí e Cooperval operam juntas

Ampliar a capacidade de armazenagem dos subprodutos do setor sucroalcooleiro oferecendo maior segurança para as usinas, que operam na região. Essa é a principal vantagem do novo terminal de cargas de álcool e açúcar da Ivaí Logística, situada no município de Jandaia do Sul, que permite um rápido escoamento da produção local para o Porto de Paranaguá, com redução de custos.

Paulo Zanetti, presidente da Usina Vale do Ivaí, observa que a iniciativa foi desenvolvida em parceria com a Cooperativa Agroindustrial do Vale do Ivaí Ltda (Cooperval), de Jandaia do Sul.

O presidente da Cooperval, Hécio Rabassi, comenta que o terminal de cargas era um objetivo antigo das duas empresas. Para isso, foi criada a Ivaí Logística, há cerca de quatro anos, e pleiteada ao governo federal autorização para transformar o Armazém 2 do extinto Instituto Brasileiro do Café (IBC) em um terminal de

armazenagem e transbordo rodoferroviário de açúcar, levedura e álcool. Localizada na BR-376, na rodovia que liga a região de Maringá a Curitiba, a estrutura fica ao lado da ferrovia, distante 40 km da

Vale do Ivaí e 10 km da Cooperval.

O barracão do IBC, arrendado por 20 anos, possui 20 mil metros quadrados e capacidade para armazenar 50 mil toneladas de açúcar a granel.



Cooperval: aliança estratégica para facilitar logística





Nada de romantismo

Para Paulo Meneguetti, diretor do Grupo Santa Terezinha, cogear energia elétrica só é viável se a usina processar acima de 2,7 milhões de toneladas de cana por safra, garantindo bagaço excedente para justificar o investimento em uma unidade cogeneradora

É uma questão que não admite romantismo, mas um planejamento profundo, mesmo porque isso passa pelo aumento da produção de açúcar e de álcool, até como estratégia para viabilizar o projeto conjuntamente”. Com essa frase, o diretor administrativo do Grupo Santa Tere-

zinha, Paulo Meneguetti, responde sobre a geração de energia elétrica excedente, o que vê como uma alternativa interessante para as empresas e o País.

Meneguetti ressalva que a cogeração só se viabiliza se a usina processar acima de 2,7 milhões de toneladas de ca-

na por safra, garantindo bagaço excedente para justificar o investimento em uma unidade cogeneradora.

O diretor observa que “o bagaço se transformou em um insumo nobre para as usinas de açúcar e álcool, porque permite que elas, ao gerar a própria energia, sejam competitivas no mercado exter-

no, o que não ocorreria se tivessem de contratar o fornecimento de gás ou de energia elétrica”. Na sua visão, as usinas contribuem até para equilibrar a oferta de energia hidrelétrica, pois, se dependessem do mercado, não teriam como funcionar, porque a oferta seria insuficiente para atender as suas necessidades”, ilustra.

Por enquanto, apenas uma unidade, a de Tapejara, desde junho de 2006 produz energia em cogeração, fornecendo 38 MW para a Eletrobrás, dos 50 MW que produz. Esse contrato resultou da participação do edital do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa), lançado em 2004, pelo qual o governo visava comprar 1.100 MW de energia eólica, e outros 1.100 MW de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs). “Como estávamos queimando bagaço de cana, enquadrados quatro unidades para gerar e fornecer energia, mas já conseguimos a aprovação do projeto de Tapejara, porque o prazo do edital era curto e a tarifa baixa”, lembra, ao informar que a unidade de Paranacity está investindo no projeto de cogeração para fornecer 20 MW para outra companhia comercializadora de energia, a partir de 2009.



Meneguetti: construção da linha de transmissão deve ser de responsabilidade do governo

Açúcar + álcool + energia

Quanto à possibilidade de a produção excedente de energia elétrica se equiparar em importância ao açúcar e ao álcool para a composição da receita de uma usina, Meneguetti, só vê essa possibilidade se for um projeto novo, que contemple a produção de álcool e energia. “Aí, sim, é possível fazer uma avaliação melhor do potencial da cogeração, mas sem o açúcar, que conso-

me muita energia. Agora, o potencial para implementar esse setor nas usinas é muito grande”, reconhece, alertando, porém, que a construção da linha de transmissão deve ser de responsabilidade do governo, pois o custo da interligação de uma usina ao linhão, distante, por exemplo, vinte quilômetros do local da geração, inviabiliza o projeto.

ALCOPAR e Copel desenvolvem projeto

Um projeto que está sendo desenvolvido pela ALCOPAR e Copel (Companhia Paranaense de Energia Elétrica) na unidade da Usina Santa Terezinha em Terra Rica, poderá viabilizar a compra do excedente de todas as usinas do Paraná. A idéia é aproveitar a mesma linha de transmissão utilizada pela Copel para fornecer energia para as usinas durante a entressafra, época em que manter as caldeiras gerando eletricidade só para os escritórios não é viável.

Com base em estimativas do setor, o superintendente da ALCOPAR, José Adriano da Silva Dias, diz que em 2008, aproveitando apenas os volumes excedentes de energia produzidos pelas

usinas, seria possível fornecer 50 megawatts (MW) para a rede, potencial que poderia chegar a 100 MW no ano que vem. Para se ter uma idéia, para atender ao consumo de Maringá é necessária uma potência de 90 MW.

A Usina Santa Terezinha em Terra Rica, que tem um excedente de 8 MW, vai ser a primeira a experimentar um painel de proteção contra sobrecarga desenvolvido pela Copel e que permite alimentar a rede pública com o excedente das usinas, afirma o superintendente de Mercado e Regulação da Copel, Antonio Justino Spinello. Ele acrescenta que a companhia está também tratando com a Agência Nacional de Energia Elé-

trica (Aneel) a regulamentação desse sistema conhecido como geração distribuída.

O estudo desenvolvido na usina, que vai avaliar custos, segurança, viabilidade econômica e demais informações necessárias. Em seguida, será feita uma chamada pública para as demais unidades industriais interessadas em fornecer o excedente de eletricidade produzido.

“A Copel não precisa de energia, já que produz o suficiente para atender a demanda do Paraná. Mas diante do contexto energético atual do País, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar essa energia oferecida pelas usinas”, comenta Spinello.

Safra de formandos

Turmas que concluíram cursos de capacitação em cana-de-açúcar e residência na área de Engenharia Agrônômica receberam seus diplomas

Cerca de 100 profissionais da área agrônômica, entre recém-formados e os que já atuam nas usinas do Paraná, concluíram o programa de residência em Engenharia Agrônômica iniciado em 2007 e dois cursos de aperfeiçoamento e capacitação em cana-de-açúcar.

A formatura das três turmas, no dia 24 de abril no Haddock Buffet em Maringá, contou com a participação dos reitores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Carlos Augusto Moreira Júnior e Ricardo Motta Miranda, além de lideranças do setor, representantes das usinas e professores.

Dentre os formandos, estavam 22 engenheiros agrônomos recém-graduados, que participaram da Residência em Engenharia Agrônômica 2007/08, parte deles já efetivada pelas unidades industriais, 39 técnicos agrícolas e 38 engenheiros agrônomos, que atuam nas usinas e fizeram o curso de aperfeiçoamento na cultura da cana-de-açúcar.

Esses cursos foram oferecidos pela ALCOPAR em parceria com a UFPR e UFRRJ, Fundação de Apoio à Pesquisa



Os residentes da segunda turma em engenharia agrônômica e professores

Científica e Tecnológica da UFRRJ (Fapur), usinas e destilarias do Paraná e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop-PR).

Segundo Edelclaiton Daros, coordenador do curso de aperfeiçoamento e professor doutor da UFPR, o objetivo é manter os profissionais atualizados quanto às novas tecnologias da cultura canavieira. Esse trabalho é im-

portante também para identificar e buscar respostas para os problemas relacionados à atividade, além de, no caso dos residentes, oferecer oportunidade destes se aperfeiçoarem em um segmento em franca expansão, facilitando sua entrada no mercado de trabalho. Os cursos incluem aula teórica, experiência prática e orientação de projeto.



Formandos do curso de aperfeiçoamento em cana-de-açúcar para engenheiros agrônomos



Participantes do curso de aperfeiçoamento em cana-de-açúcar para técnicos de nível médio

Quem são eles

Residência em Engenharia Agrônômica 2007/2008

Anderson Antonio Silva, André Martello, André Regilio, Carlos Alberto Carraro, Edson José Strapação, Félix Luís Corbari, Fernando Santos Facioli, Guilherme Adolfo Schoen Neto, Guilherme Souza Berton, Ícaro Tranin Silva, Joelson Vieira da Silva, Jorge Luiz Machado, José Antônio Medice Filho, Josimar Gozo, Juliano Fadoni Filho, Patric Nava, Paulo Henrique de Souza, Paulo Henrique Panhe, Paulo Vicente Zaccheco, Ronaldo Lopes Costa, Rubens Zanelato Filho, Tadeu Minoto Capeletto.

Aperfeiçoamento na Cultura da Cana - Nível Técnico

Adriano Marcelo do Couto Gomes, Agnaldo Costa, Aldo Fabiano Dias de Oliveira, Anderson Scanferla Barroso, Antonio Forlin, Antonio Mendonça, Aparecido Belmiro, Aparecido Francisco da Silva, Cássio Donizete de Oliveira, Eleandro Rosa Porto, Edgar Villanueva dos Reis, Edvaldo Brogiatto, George Jerônimo da Silva Filho, Gilmar Lima de Lelis, Henrique César de Andrade, Jaziel Berto, João Alvez de Aquino Netto, João Bernardo, João Vieira da Silva, José Henrique Pedroso, Leonardo Xavier dos Santos, Lindomar Marcelo dos Santos, Márcio César Barbosa, Marcos Antonio de Moraes, Marcos Rogério Zanelli, Marlon Henrique Vicente Donadon, Odirlei Zanqueta, Pedro André de Jesus Silva, Raimundo Xavier dos Santos, Ricardo Dornelles Rocha, Sebastião Mendes, Sérgio Rodrigues, Siwaldo Augusto Martins, Valdecir Tonello, Vanderlei Aparecido Somenzari, Valdir Paulino Zardo, Valdir Rebouças Leite, Wanderlei Batista, Wesley Fernandes Braz.

Aperfeiçoamento da Cultura da Cana - Ambiente e Solo

Adriana Socorro Torregiano, Alessandra da Silva Azevedo Leite, Alexandre Teston Semensato, Almir Polônio, Anderson Pinto, Carlos Tomaso, Cirineu Cordeiro Viera, Daniel Gualtieri, Denis Campaner Palangana, Dilson Stipp Junior, Dorival Benutto Junior, Edinilza Maria Silveira, Edson Minoru Sumocaura, Elka Mayra Soares, Fábio Inoue, Fabricio Isao Taname, Fernando Barreiro Prinle, Fernando Santo Facioli, Flávia Moreira Zanata, Franklin Franchini, George Jerônimo da Silva Filho, Homero Moreschi, Ivan Carlo de Souza Tasso, José Edson Garcia, Luceli Violin, Luciano Márcio de Moares, Márcia Regina Mesquita, Marcos Henrique da Silva, Marcos Roberto Bernardo, Paulete Benini, Roberval Carvalho, Rodrigo Gil Blaques, Rodrigo Valentim Mateus, Rubens Baur, Sérgio Ricci, Vilmar Barboza Garci, William Aparecido Bissoli.



Doze novas vagas em Engenharia Agrônômica

Doze vagas para o curso de Residência em Engenharia Agrônômica foram disputadas por 95 engenheiros agrônomos recém-formados. Mantida pelo quarto ano consecutivo, a iniciativa, que visa revelar novos talentos, é da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a ALCOPAR.

O programa é uma pós-graduação em nível de aperfeiçoamento, com duração de um ano em regime de 40 horas semanais. Oitenta por cento do tempo são destinados a treinamento prático profissional supervisionado e 20% a aprofundamento teórico através de seminários e discussões técnicas.

O curso tem a participação da equipe de professores e pesquisadores das duas universidades, que já desenvolvem o trabalho com cana-de-açúcar, através da Rede Interuniversitária para Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro (Ridesa).

ORIENTAÇÃO

Segundo Eduardo Lima, coordenador do programa, o residente conta



Mantida há quatro anos, iniciativa tem a finalidade de capacitar novos profissionais

com orientação permanente dos professores e um orientador no seu local de atuação, recebendo treinamento profissional na prática. Ele tem direito, ainda, a uma remuneração mensal sob forma de bolsa de estudo da

UFRRJ, financiada pela empresa que solicitou o residente e um seguro pessoal. Os valores são equivalentes aos de uma bolsa de aperfeiçoamento dos órgãos financiadores de pesquisa do governo federal.

ALCOPAR oferece 3 novos cursos

A ALCOPAR deu início, no segundo semestre de 2008, em Maringá, a três novos cursos de aperfeiçoamento profissional voltados para o setor sucroalcooleiro, oferecidos em parceria com o SESCOOP (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo).

O primeiro a iniciar, foi a pós-graduação em ambiente solo (especificamente a física do solo), voltado para gerentes agrícolas e engenheiros agrônomos e que dá continuidade ao tema já abordado em curso de aperfeiçoamento realizado no ano passado.

Os 30 participantes vão ser preparados para identificar, amostrar e quantificar as propriedades e limitações físi-

cas dos solos derivados do basalto e arenito caiuí. A carga horária é de 120 horas, também com treinamento teórico e a campo em Maringá e nas usinas. No encerramento, cada aluno deve realizar um trabalho prático sobre o tema em sua unidade.

O segundo é o curso de aperfeiçoamento profissional e treinamento em colheita mecanizada de cana, destinado a técnicos de nível médio que já atuam na área. E, o terceiro, o curso de aperfeiçoamento e treinamento em plantio mecanizado.

Nesses dois últimos foram ofertadas 30 vagas, com carga horária de 72 horas, cujas aulas teóricas e práticas

são ministradas em Maringá (Hotel Elo) e Paranavaí (Estação Experimental). Além de avaliações de aprendizagem, há um trabalho teórico de viabilidade da colheita ou plantio mecanizados e suas implicações na unidade do aluno.

A coordenação é dos professores Edelclaiton Daros e Heroldo Weber, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os cursos foram desenvolvidos, conjuntamente, pela UFPR e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), através da Ridesa, Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica da UFRRJ (Fapur) e unidades produtoras.



Usinas investem em formação de pessoal

Para empresários, é a solução diante da escassez de mão-de-obra qualificada

Com o aumento da produção brasileira de açúcar e álcool e os avanços tecnológicos, pelos quais o setor sucroalcooleiro vem passando, crescem também as exigências do mercado quanto a qualidade de serviços e produtos, o que demanda profissionais cada vez mais capacitados. Por conta disso, os empresários têm buscado alternativas para driblar a escassez de mão-de-obra qualificada. Em muitos casos, a melhor saída tem sido formar os próprios profissionais.

O presidente da ALCOPAR, Anísio Tormena, comenta que no Brasil o setor

sucroalcooleiro tinha, há pouco tempo, mais de 1 milhão de pessoas trabalhando, sendo 420 mil cortadores de cana. Esse ano caiu para menos de 800 mil, e o campo foi o setor que mais perdeu mão-de-obra.

No Paraná, segundo maior produtor brasileiro de cana-de-açúcar, são 30 usinas em operação demandando uma média de 120 mil trabalhadores, especialmente no campo. O problema é que no Estado há somente 80 mil disponíveis, incluindo 6 mil postos supridos com mão-de-obra importada de Estados como Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ala-

goas. “Por conta disso, a mecanização já atinge 23% da safra no Paraná e deve chegar logo a 30%”, aposta o presidente.

Se há dificuldade para conseguir mão-de-obra, que não exige qualificação profissional, pior ainda quando há exigência, demandando que as usinas formem a mão-de-obra necessária. Grande parte das unidades industriais do Paraná tem investido na capacitação de seus colaboradores, tendo como parceiros importantes o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Estado do Paraná (Senar) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

Oferta de profissionais é cada vez menor



Em Ivaté, Canito repetiu o sucesso de todos os anos

Nem a chuva que caiu no final da tarde e noite tirou o brilho da festa ou diminuiu o ânimo dos participantes do 23º Torneio Interdistritais do Paraná, o Canito 2008, realizado no dia 10 de fevereiro no município de Ivaté, Noroeste do Estado, na sede da Associação dos Funcionários da Usina Santa Terezinha.

O tradicional evento, que simboliza o início da safra de cana-de-açúcar no Paraná, é organizado sempre por uma das 30 usinas do Estado. Segundo o diretor da Usina Santa Terezinha de Ivaté, Francisco Meneguetti, mais de 3 mil pessoas participaram.

Com número recorde de inscrições, 27 equipes e 770 atletas disputaram o Torneio de Futebol Suíço, entre usinas do



Disputa entre as equipes foi acirrada



Dayane, a rainha

Paraná e empresas ligadas ao setor, como a CPA Trading e a Paraná Operações Portuárias (Pasa). A campeã foi a Coopcana, de Paraíso do Norte, ficando em segundo a Cocarol de Rondon. Santa Terezinha Matriz, de Maringá, e Cofercatu, de Porecatu, obtiveram o terceiro e o quarto lugares, respectivamente.

No campeonato de Vôlei de Areia, que contou com várias duplas, a da Copagra, de Nova Londrina, levou o troféu de primeiro colocado e a Santa Terezinha de Tapejara ficou em segundo.

No concurso que elegeu a Rainha Ca-

nito 2008, a coroada foi Dayane Frasca Fernandes, da Santa Terezinha de Ivaté, juntamente com a princesa Beatriz Fernanda Gregório, da Vale do Ivaí, de São Pedro do Ivaí, e Camila de Souza Miranda, terceira colocada, da Santa Terezinha de Iguatemi.

Além da disputa no campo e na passarela, outro ponto forte da festa foi o churrasco à gaúcha, que acontece todos os anos, sendo servida costela ao fogo de chão. Um baile encerrou o evento, que movimentou o município de Ivaté e várias cidades da região.



Lideranças do setor e região presentes



Evento atraiu mais de 3 mil pessoas



Foram assados 2 mil quilos de costela

Santa Terezinha é a maior empregadora

Levantamento feito por órgãos municipais, estaduais e federais apontou em 2008 que, dentre as empresas que fizeram parte do ranking das 30 maiores empregadoras do Paraná, 11 eram do setor sucroalcooleiro. Com cerca de 18 mil funcionários, a Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda, com sete unidades industriais no Noroeste do Paraná, foi a primeira colocada no ranking, à frente de

empresas como Sadia, Perdigão, Saneapar, Copel e as montadoras da Volkswagen, Renault e Volvo do Brasil, além de grandes cooperativas paranaenses.

Outras usinas que aparecem no ranking são Alto Alegre S.A. Açúcar e Alcool (Colorado), Sabarálcool S.A. Açúcar e Alcool (Engenheiro Beltrão), Açúcar e Alcool Bandeirantes (Bandeirantes), Coopcana - Cooperativa Agrícola

Regional de Produtores de Cana (Paraíso do Norte), Usina Vale do Ivaí Açúcar e Alcool (São Pedro do Ivaí), Cooperval - Cooperativa Agroindustrial Vale do Ivaí Ltda (Jandaia do Sul), Usaciga - Açúcar, Alcool e Energia Elétrica Ltda (Cidade Gaúcha), Cofercatu Cooperativa Agroindustrial (Porecatu), Usina Central do Paraná S.A. (Porecatu) e Destilaria de Alcool Ibaí.

Usinas entre as 100 maiores exportadoras

No ranking das 100 maiores exportadoras do Paraná, publicado com base em dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, seis usinas do Estado figuraram entre as empresas classificadas, colocando o açúcar e o álcool entre os principais produtos exportados pelo Estado, 8º e 14º respectivamente. Só o açúcar comercializado no exterior representa 3,1% do total exportado, sendo que a soja em grãos, o primeiro colocado, responde por 8,5%.

Duas unidades da Usina Santa Terezinha (Maringá e São Tomé), posicionadas em 12º e 48º lugares, tornam o grupo o líder nas exportações do setor de açúcar e álcool.

Aparecem também a Usaciga, de Cidade Gaúcha, classificada em 43º lugar, Coopcana, sediada em Paraíso do Norte, em 51º, Vale do Ivaí, de São Pedro do Ivaí, em 55º, Sabarálcool, de Engenheiro Beltrão, em 80º, e Cooperval, de Jandaia do Sul, na 85ª posição.

Jornal Paraná entre os vencedores do Prêmio Ocepar de Jornalismo

Com a reportagem “Cana, Cooperativas e Qualidade de Vida” publicada na edição de outubro, que mostrou como as cooperativas que atuam no setor sucroalcooleiro contribuem para a diminuição da pobreza e criam oportunidades de desenvolvimento, o Jornal Paraná Açúcar e Alcool foi um dos vencedores do Prêmio Ocepar de Jornalismo 2008. Assinada pelos jornalistas Rogério Recco e Marly Aires, a reportagem obteve a segunda colocação entre 30 matérias inscritas por jornais paranaenses, na categoria Mídia Impressa. A Folha de Londrina (1º) e a revista Geração Sustentável (3º) foram os outros classificados.

O Prêmio Ocepar, já em sua sexta edição, é considerado um dos mais importantes do agronegócio brasileiro, sendo promovido em parceria com o SESCOOP/PR e com apoio do Sicredi e da

Unimed. A solenidade de entrega dos prêmios (que incluiu também as categorias televisão e rádio) ocorreu no último

dia 5 no Teatro Positivo em Curitiba, durante o Encontro Estadual de Cooperativistas Paranaenses.



A solenidade de premiação foi realizada no Teatro Positivo, em Curitiba

Senadores e técnicos norte-americanos visitam usina

Uma delegação composta por assessores e técnicos do Senado norte-americano e da Secretaria de Fazenda e Serviço Internacional de Agricultura dos Estados Unidos veio ao Paraná conhecer a estrutura de produção de álcool e a situação do setor no Estado, no dia 15 de janeiro. A usina escolhida para a visita, apesar de estar no período de entressafra, foi a Vale do Ivaí Açúcar e Álcool, de São Pedro do Ivaí, que, além dos dois produtos básicos, também trabalha com outros sub-

produtos, como a levedura. No início de 2006, um outro grupo de senadores norte-americanos já havia visitado a empresa.

A comitiva foi liderada por Constanze Jackson, administradora adjunta do Serviço Internacional de Agricultura, que explicou sobre o interesse norte-americano de conhecer o sistema produtivo de outros países, como o Brasil, que tem obtido altos índices de produção, no caso específico, de soja e dos produtos obtidos a partir da cana-de-açúcar.



Zanetti: 31 anos no setor

Paulo Zanetti, 'Canassauro'

Paulo Adalberto Zanetti, presidente da Vale do Ivaí Açúcar e Álcool, de São Pedro do Ivaí (PR), foi um dos 70 profissionais homenageados, no dia 25 de fevereiro, com o Prêmio CanaSauro, por seus 31 anos de atuação na atividade sucroalcooleira. Ele começou a trabalhar no setor em 1977 como estagiário da Usina Bandeirantes (Grupo Meneghel), em Bandeirantes. A homenagem foi durante a Feicana/FeiBio 2008 - Feira de Negócios do Setor de Energia, em Araçatuba, numa promoção da Editora FAS Ltda, que edita a Revista Energia Brasileira.



Norte-americanos: interesse em conhecer melhor a agricultura brasileira

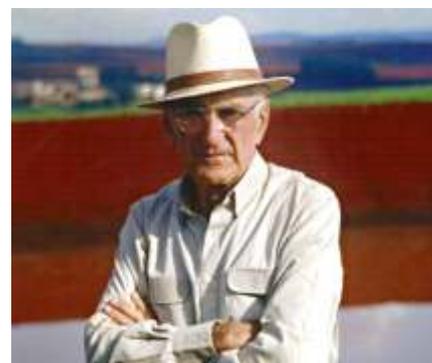
Europeus também

A Vale do Ivaí recebeu, dia 14 de fevereiro, outra delegação de agricultores estrangeiros interessados em conhecer a produção de açúcar e álcool a partir da cana-de-açúcar, além de novas oportunidades de negócios. Desta vez foram 28 empresários rurais da Alemanha, que produzem beterraba açucareira, além de cevada, trigo e frutas.

Por sua vez, um grupo formado por 40 agricultores franceses e profissionais, que atuam no setor agrícola, visitou o Paraná no dia 12 de março em busca de informações sobre o setor sucroalcooleiro. Eles assistiram palestra na ALCOPAR, com o assessor econômico da entidade, Pedro Paulo Triaca, que apresentou um panorama da produção de álcool e açúcar no Estado.



O adeus a Jayme Longo



O setor sucroalcooleiro do Paraná lamenta a perda do pioneiro e desbravador Jayme Watt Longo, ocorrida no dia 21 de dezembro, aos 94 anos. Empreendedor, ele foi um dos fundadores da Usina Vale do Ivaí.

NÚMEROS

PRODUÇÃO DE CANA MOÍDA NO PARANÁ

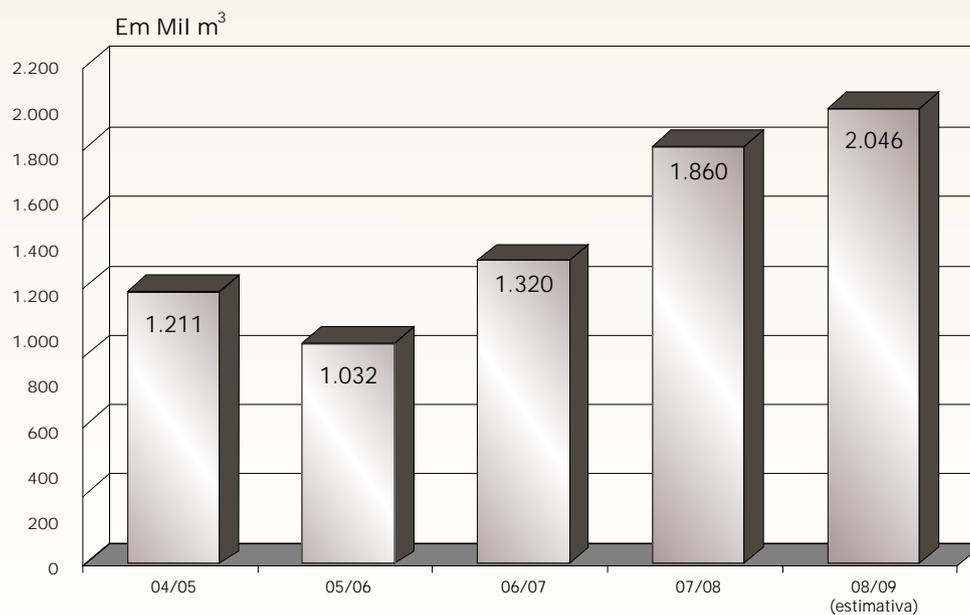
SAFRAS 04/05 A 08/09



Fonte: ALCOPAR

PRODUÇÃO DE ÁLCOOL TOTAL NO PARANÁ

SAFRAS 04/05 a 08/09

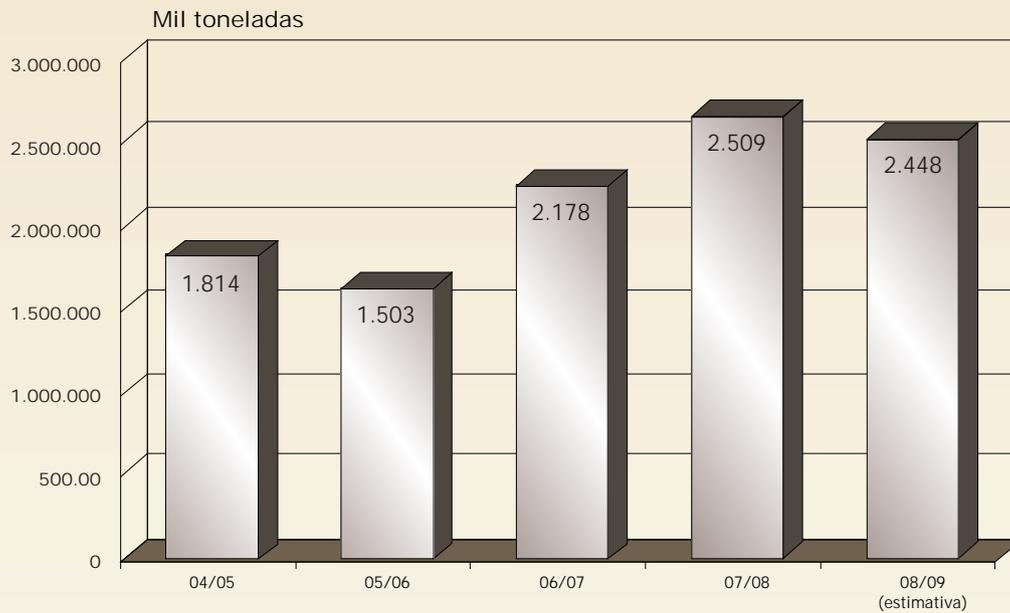


Fonte: ALCOPAR



PRODUÇÃO DE AÇÚCAR NO PARANÁ

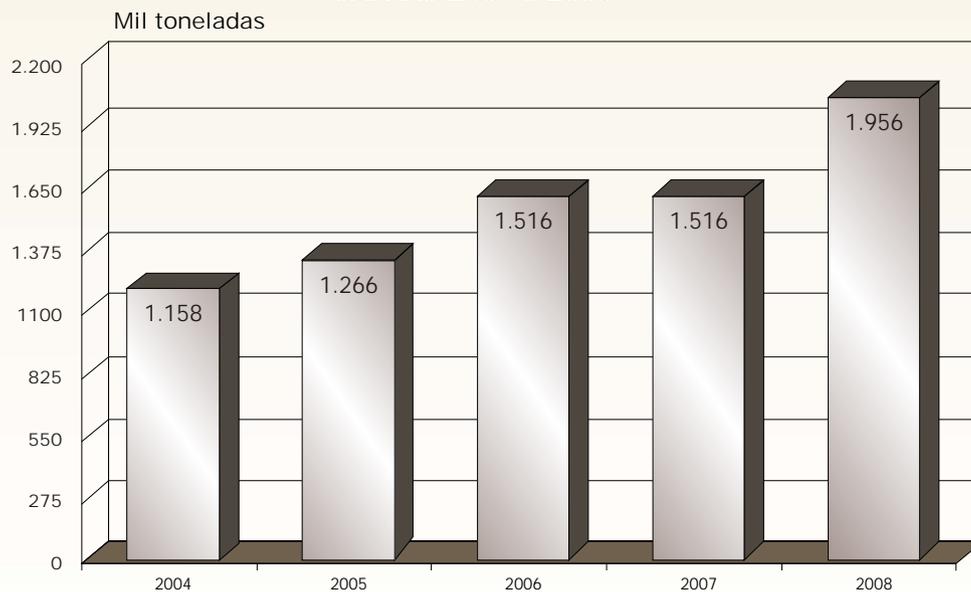
SAFRAS 04/05 a 08/09



Fonte: ALCOPAR

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES DE AÇÚCAR

SAFRAS 2004 a 2008



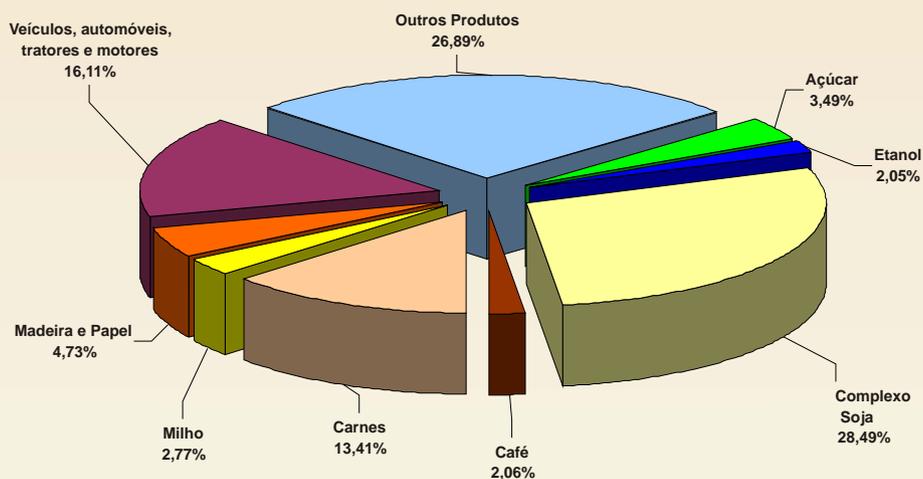
Fonte: MDIC/Secex

Elaboração: Economia/Estatísticas ALCOPAR



EXPORTAÇÕES PARANAENSES EM 2008

PARTICIPAÇÃO % DOS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM US\$ FOB



Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: ALCOPAR

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE AÇÚCAR POR ESTADOS

JANEIRO A DEZEMBRO/2008

Estados	Açúcar refinado		Açúcar em bruto		Total		% Part
	Qtde Kgs	US\$ FOB	Qtde kgs	US\$ FOB	Qtde kgs	US\$ FOB	
SP	4.520.267.149	1.402.168.102	8.153.737.419	2.161.718.711	12.674.004.568	3.563.886.813	65,09
AL	402.653.750	125.680.237	1.850.624.325	503.126.486	2.253.278.075	628.806.723	11,57
PR	38.543.345	12.360.891	1.917.530.801	519.848.526	1.956.074.146	532.209.417	10,05
MG	131.477.900	42.207.229	1.109.918.022	295.467.994	1.241.395.922	337.675.223	6,38
PE	530.253.710	174.542.982	347.942.750	100.375.303	878.196.460	274.918.285	4,51
MS	10.289.000	2.802.160	149.645.439	41.537.547	159.934.439	44.339.707	0,82
GO	46.022.586	20.456.207	39.236.515	11.803.897	85.259.101	32.260.104	0,44
RN	67.330.000	23.214.261	16.000.000	4.976.800	83.330.000	28.191.061	0,43
RJ	42.000.472	13.455.070	12.010	5.920	42.012.482	13.460.990	0,22
PB			35.781.150	9.561.357	35.781.150	9.561.357	0,18
ES	23.227.000	5.813.500	648.000	153.062	23.875.000	5.966.562	0,12
SE	22.946.200	6.546.127			22.946.200	6.546.127	0,12
MT	12.904.740	4.227.719	3.455.970	949.186	16.360.710	5.176.905	0,08
RS	27.000	9.405			27.000	9.405	0,00
RO			9.810	4.173	9.810	4.173	0,00
PA			5.400	2.874	5.400	2.874	0,00
SC	86	162	100	87	186	249	0,00
CE			23	14	23	14	0,00
Não Decl.	14	75	29.754	21.000	29.768	21.075	0,00
Brasil	5.847.942.952	1.833.484.127	13.624.577.488	3.649.552.937	19.472.520.440	5.483.037.064	100,00

Fonte: SECEX

Elaboração: Economia/Estatísticas ALCOPAR

NCMs: 1701.11.00 1701.91.00 e 1701.99.00



PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES DO AÇÚCAR BRASILEIRO

2007 - 2008

2007				2008			
Janeiro a Dezembro				Janeiro a Dezembro			
País Destino	Toneladas	US\$ Fob Mil	Preço Médio *	País Destino	Toneladas	US\$ Fob Mil	Preço Médio *
Rússia	4.196.295	1.047.675	249,67	Rússia	4.384.839	1.157.724	264,03
Emirados Árabes	1.283.148	307.824	239,90	Nigéria	1.358.667	374.866	275,91
Irã	1.132.986	300.988	265,66	Arábia Saudita	1.260.649	324.712	257,58
Nigéria	1.119.415	290.850	259,82	Egito	1.177.079	313.654	266,47
Arábia Saudita	1.072.344	255.345	238,12	Argélia	875.776	244.827	279,55
Argélia	927.633	232.542	250,68	Canadá	815.992	221.490	271,44
Malásia	919.148	218.533	237,76	Síria	729.983	198.692	272,19
Canadá	854.820	213.014	249,19	Marrocos	682.825	175.855	257,54
Egito	722.291	170.748	236,40	Malásia	674.145	177.758	263,68
Marrocos	656.687	161.549	246,01	Emirados Árabes	605.776	171.661	283,37
África do Sul	551.963	163.193	295,66	Irã	595.285	161.132	270,68
Bangladesh	424.364	109.435	257,88	Bangladesh	524.963	145.794	277,72
Venezuela	383.317	103.330	269,57	Gana	450.803	145.149	321,98
Gana	376.839	110.699	293,76	Venezuela	447.698	139.222	310,97
Síria	368.218	111.525	302,88	África do Sul	318.005	102.347	321,84
Tunísia	281.698	81.304	288,62	Iêmen	314.323	100.090	318,43
EUA	254.813	99.596	390,86	Angola	277.815	88.249	317,65
Croácia	254.414	72.797	286,14	Croácia	239.353	68.796	287,43
Iêmen	234.838	66.677	283,93	EUA	231.231	85.624	370,30
Angola	233.376	71.991	308,47	Tunísia	230.051	68.667	298,49
Mauritânia	162.100	49.035	302,50	Romênia	201.922	56.273	278,69
Cuba	160.475	46.105	287,30	Geórgia	196.650	58.880	299,42
Líbia	156.234	47.792	305,90	Israel	194.503	59.855	307,73
Colômbia	142.025	41.289	290,72	Índia	159.667	43.683	273,59
Israel	129.919	36.661	282,18	Líbia	138.250	48.951	354,08
Iraque	128.125	44.558	347,77	Mauritânia	133.975	40.568	302,80
Gâmbia	122.309	37.970	310,45	Jordânia	127.343	43.118	338,59
Romênia	108.135	28.920	267,44	Espanha	116.031	33.532	288,99
Geórgia	91.938	22.902	249,10	Guiné	113.478	37.194	327,76
Senegal	87.474	26.815	306,54	Cuba	84.785	26.313	310,35
Rep. Dominicana	86.905	23.338	268,54	Reino Unido	84.313	24.896	295,28
Portugal	85.601	27.069	316,23	China	75.127	22.145	294,77
Reino Unido	80.159	21.284	265,53	Senegal	75.127	24.219	322,37
Montenegro	78.757	22.200	281,88	Congo	73.841	21.246	287,73
Camarões	74.595	21.955	294,32	Gâmbia	73.548	22.885	311,16
Jordânia	73.766	23.737	321,79	Togo	68.493	21.075	307,70
Outros	1.341.900	389.286	290,10	Outros	1.360.209	431.895	317,52
TOTAL	19.359.021	5.100.530	263,47	TOTAL	19.472.520	5.483.037	281,58

Elaboração: Economia/Estatísticas ALCOPAR
Fonte: MDIC/Secex

* US\$/Tonelada



EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ÁLCOOL ETÍLICO POR ESTADOS

JANEIRO A DEZEMBRO/2008

Estados	Álcool NCM 2207.10.00		Álcool NCM 2207.20.10		Total		Preço* Médio/l	% Part
	US\$ FOB	Qtde litros	US\$ FOB	Qtde litros	US\$ FOB	Qtde litros		
SP	1.624.343.409	3.384.379.539	23.772.809	50.441.816	1.648.116.218	3.434.821.355	0,48	67,10
PR	312.472.917	740.936.381	-	-	312.472.917	740.936.381	0,42	14,48
AL	186.541.162	415.870.786	-	-	186.541.162	415.870.786	0,45	8,12
MG	137.375.784	309.815.986	-	-	137.375.784	309.815.986	0,44	6,05
RJ	39.523.869	84.885.060	-	-	39.523.869	84.885.060	0,47	1,66
PE	18.971.784	41.133.094	-	-	18.971.784	41.133.094	0,46	0,80
RN	18.452.236	34.450.200	-	-	18.452.236	34.450.200	0,54	0,67
ES	10.128.267	17.495.165	-	-	10.128.267	17.495.165	0,58	0,34
MS	5.312.000	12.101.363	-	-	5.312.000	12.101.363	0,44	0,24
PB	4.663.990	10.886.541	-	-	4.663.990	10.886.541	0,43	0,21
MA	4.883.361	8.989.888	-	-	4.883.361	8.989.888	0,54	0,18
SE	2.153.819	4.732.549	-	-	2.153.819	4.732.549	0,46	0,09
PI	1.503.970	2.558.046	-	-	1.503.970	2.558.046	0,59	0,05
GO	-	-	10.000	19.725	10.000	19.725	0,51	0,00
RS	244	289	-	-	244	289	0,84	0,00
Não Decl	9	4	0	0	9	4	0,00	0,00
Brasil	2.366.326.821	5.068.234.891	23.782.809	50.461.541	2.390.109.630	5.118.696.432	0,47	100,00

Fonte: MDIC/Secex

Elaboração: Economia/Estatísticas ALCOPAR

NCMs: 2207.10.00 e 2207.20.10

PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES DO ÁLCOOL BRASILEIRO

2008

País Destino	Quilos líquido	Litros	US\$ Fob	Preço Médio*
Estados Unidos	1.215.540.420	1.519.425.525	756.862.285	0,50
Holanda (Países Baixos)	1.065.138.381	1.331.422.976	625.832.906	0,47
Jamaica	348.853.479	436.066.849	194.772.523	0,45
El Salvador	284.705.059	355.881.324	151.294.181	0,43
Japão	210.567.285	263.209.106	112.893.295	0,43
Trinidad e Tobago	179.428.754	224.285.943	99.047.196	0,44
Ilhas Virgens - Americanas	150.359.714	187.949.643	85.690.835	0,46
Coréia do Sul	149.276.436	186.595.545	81.068.012	0,43
Costa Rica	87.515.350	109.394.188	46.785.440	0,43
Nigéria	78.232.334	97.790.418	44.447.419	0,45
Reino Unido	55.672.563	69.590.704	29.892.747	0,43
Índia	53.155.051	66.443.814	31.763.450	0,48
Finlândia	33.148.591	41.435.739	17.823.208	0,43
Canadá	29.580.219	36.975.274	20.153.541	0,55
México	24.283.326	30.354.158	13.758.114	0,45
Outros	129.500.183	161.875.229	78.024.478	0,48
TOTAL	4.094.957.145	5.118.696.431	2.390.109.630	0,47

Fonte: MDIC/Secex

Elaboração: Economia/Estatísticas ALCOPAR

NCMs: 2207.10.00 e 2207.20.10



EM SÍNTESE

44,6

milhões de toneladas foi a produção paranaense no ciclo 2008/09, contra 40,3 milhões do ciclo anterior.

2,046

bilhões de litros, a produção de álcool em 2008/09, diante de 1,860 bilhão da safra passada.

30

é o número de usinas e destilarias no Paraná

2,448

milhões de toneladas foi o volume de açúcar em 2008/09, pouco abaixo das 2,509 milhões de toneladas de 2007/08.

3,49%

é a participação do açúcar no leque dos produtos de exportação do Estado, em 2008; o álcool detém 2,05%

85

mil trabalhadores são absorvidos pelo setor

1,956

milhão de toneladas de açúcar foram exportadas pelas usinas paranaenses em 2008, frente às 1,516 milhão de toneladas do último exercício

140

dos 399 municípios paranaenses têm na cana-de-açúcar uma de suas atividades econômicas



ALCOPAR - Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná

SIALPAR - Sindicato da Indústria de Fabricação de Álcool do Estado do Paraná

SIBIOPAR - Sindicato da Indústria de produção de Biodiesel do Estado do Paraná

SIAPAR - Sindicato da Indústria do Açúcar no Estado do Paraná

